

XIII SALÃO DE  
**ENSINO**

**UFRGS**

PROGRAD    RELINTER  
PROPG      CAF  
SEAD        SAI

CONHECIMENTO FORMACÃO INOVAÇÃO  
Salão UFRGS 2017

múltipla  
**UNIVERSIDADE**  
inovadora    inspiradora

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2017: XIII SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
<b>Ano</b>	2017
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Intercâmbio na Inglaterra - Um Choque Cultural Acadêmico
<b>Autor</b>	PAOLA CHYTRY
<b>Orientador</b>	EMILSE MARIA AGOSTINI MARTINI

**RESUMO:** O programa Ciência sem Fronteiras (CsF) , iniciado em 2011, busca “promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio de intercâmbio e da mobilidade internacional”, citando diretamente o seu website [1]. Sendo bolsista do CNPq ou da Capes o aluno participante deste programa é aceito em uma universidade do exterior, e por um ano estuda lá desenvolvendo seus conhecimentos científicos, e buscando - ao seu término - trazer para o Brasil mais do que lembranças de uma viagem internacional, mas tecnologia e novas idéias a serem implementadas aqui, visando o desenvolvimento tecnológico e científico do país. Eu fui bolsista do CNPq e estudei na Universidade de Durham, no Reino Unido, pelo período equivalente aos semestres da UFRGS de 2015/2 e 2016/1. A Universidade de Durham [2], uma das melhores do Reino Unido na área da Física (no ano de 2015/16 constava como 5º lugar geral [3], 3º na área de física no Reino Unido [4] de acordo com o *The Complete University Guide*), me proporcionou um imenso crescimento acadêmico com seus laboratórios excelentemente equipados, professores atenciosos, aulas interessantes e infra-estrutura de qualidade. E um esperado crescimento emocional também - morar, ter aulas, e se relacionar em um país completamente novo é, de todas as formas, uma experiência singular. Para tal viagem, os alunos da UFRGS têm o suporte do CNPq, da PROPESQ (Pró-Reitoria de Pesquisa), da RELINTER (Secretaria de Relações Internacionais), de seu departamento na UFRGS (no meu caso, o Instituto de Física), do pessoal do Ciência sem Fronteiras - tanto no Brasil como no exterior, e de pessoas dentro da universidade de destino. Há um grande preparo antes da viagem prevendo essa dificuldade de adaptação a um meio novo repleto de diferenças, tais como comidas, pessoas, idiomas, cidades, costumes. O que não preparam o aluno a esperar, e o que no meu caso causou um grande “choque”, é a diferença no aprendizado do meio acadêmico internacional. A forma de ministrar aulas, a forma de estudo, a forma de examinar academicamente, todas são extremamente diferentes. Antes da saída do Brasil, como bolsistas do programa, ouvimos que “a pior parte vai ser” seguida de uma lista incluindo: acostumar-se com o dia-a-dia em outro idioma, fazer amigos da nacionalidade de destino, morar sozinho, ter aulas em outro idioma, estar longe da família e amigos. Porém, me encontrar, sozinha, no meio deste meio acadêmico - que, de tão poucas semelhanças com o que estava acostumada, me parecia hostil - e encontrar uma forma de me adaptar e viver nele, foi a maior dificuldade encontrada por mim no intercâmbio. Este trabalho irá abordar as semelhanças e diferenças do meio acadêmico da Universidade de Durham em comparação com a UFRGS, focando em o que a segunda poderia se espelhar na primeira para melhorar seu ambiente de aprendizado, bem como as dificuldades de adaptação causadas por tal divergência.

Palavras-chave: Ciência sem Fronteiras, intercâmbio

[1] <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>

[2] <https://www.dur.ac.uk>

[3] <https://www.thecompleteuniversityguide.co.uk/league-tables/rankings?y=2015>

[4] <https://www.thecompleteuniversityguide.co.uk/league-tables/rankings?s=Physics+%26+Astronomy&y=2015>